



O Menino da Linha Azul

(Uma comédia relacional com trilhos emocionais e joins sentimentais)

Henrique Dourado Domingos – **RA: 03251056**

Edson Félix - **RA: 03251006**

Omar Nidal – **RA: 03251039**

Felipe Queiroz – **RA: 03251000**

João Vitor – **RA: 03251066**

Era uma vez, em um dia nublado de São Paulo, desses em que o aplicativo do metrô diz que o trem chega em 3 minutos e ele aparece em 15, um menino chamado John embarcava mais uma vez em sua jornada sem destino.

John não tinha casa, nem endereço fixo, nem plano de dados. Ele vivia entre os vagões da Linha Azul do metrô, conhecia cada estação como um DBA conhece suas procedures favoritas. Era um andarilho digital, esperando um SELECT que fizesse sentido. Naquele dia, ele entrou na Estação Jabaquara. No fundo, não importava o destino, pois para quem não tem filtro WHERE, qualquer linha serve.

Foi na Estação Sé, onde tudo e todos se cruzam, que ele a viu: uma garota digitando ferozmente em um notebook, fones de ouvido gigantes e um copo de café que parecia ter sido reutilizado umas 12 vezes.

Ele, na sua ousadia que beirava o DELETE sem confirmação, perguntou:

— Tá com problema?

Ela respondeu, sem olhar:

— Minha tabela corrompeu, meu relacionamento está inconsistente, e minha query demora 42 segundos para rodar.

John ficou encantado. Não pela beleza — que estava oculta entre variáveis mal nomeadas — mas pelo caos. Ela era complexa. Com subqueries, agrupamentos, joins e um sorriso que mais parecia um CASE WHEN.

Mas até aquele momento, ela era apenas a desconhecida. Seus dados ainda não haviam se relacionado.

Nos dias que seguiram, encontraram-se em várias estações. Começaram a conversar, a rir, a trocar trechos de código. Até que, num certo dia, ainda na plataforma da Estação São Joaquim, ele perguntou:

— Você tem algum pet? Tipo um pet-cachorro?

Ela estranhou, respondeu rindo:

— Não, por quê?

John, com cara de quem acabara de rodar um SELECT sem erro, respondeu:

— Porque, nesse caso, você gostaria de me adotar?

Ela gargalhou, olhou para ele com aqueles olhos de quem sabia o que era um JOIN com as duas “BANDAS!” e disse:

— Sim, aceito.

E naquele instante nasceu o primeiro JOIN com ON. Não daqueles que travam o banco, mas daqueles que criam um relacionamento com integridade referencial.

Foi aí que começaram a criar o projeto MetrôData, um banco de dados que representava toda a Linha Azul do metrô de São Paulo. Cada estação virou uma tabela. Cada fluxo, uma métrica. E cada atraso, um campo de média.

Montaram o modelo de dados enquanto esperavam trens atrasados.

Enquanto desenvolviam, John fazia perguntas que geravam SELECTS mentais. Em uma das conversas, Clara falou:

— Como saberemos quais são as estações mais problemáticas?

John respondeu:

— Fácil. Contamos quantas ocorrências graves por estação. Agrupamos, somamos e ordenamos.

Em outro momento, ela questionou:

— Dá para saber o quanto cada tipo de bilhete gera de receita?

John sorriu e disse:

— GROUP BY salvando relacionamentos desde 2002.

Cada conversa era uma modelagem. Cada risada, um campo VARCHAR. Eles começaram a brincar com os dados, e a criar estatísticas engraçadas com aquela situação!

Foi na Estação Consolação que decidiram tornar o projeto real. E onde decidiram oficializar que o relacionamento deles era 1:N, com chave estrangeira afetiva.

Após a oficialização do relacionamento 1:N onde o John é o 1 dessa grande relação.

Hoje, o MetrôData coleta, trata e analisa dados de toda a Linha Azul. Clara e John estão juntos, organizando dados, vidas e cafés.

E quando perguntam como tudo começou, John responde:

— Eu era só um SELECT * esperando por um JOIN com belas “BANDAS!”.

E Clara complementa:

— E eu era só uma tabela solitária, até encontrar minha chave primária.

Eles riem.

Porque, afinal, todo relacionamento precisa de normalização, controle de integridade e um pouco de comédia transacional com bastante profundidade.